

MEMÓRIA DA PEDAGOGIA LIBERTÁRIA NO BRASIL

Rosana Maria Pires Barbato Schwartz

Doutora em História, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP, Mestre em Educação, Artes e História da Cultura, pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM, Bacharel em História, e Licenciatura em História, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Duda Woyda

Pós-Doutor com bolsa CNPq na UFBA. Professor Visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPGEAHC), da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Docente Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (Pós-Cultura/UFBA). Mestre e Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade (UFBA).

Roger Fernandes Campato

Doutor e Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos. É professor adjunto I da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), onde atua como professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura (PPEAHC) Graduação em Comunicação Social (Habilitação em Jornalismo) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” graduação em Ciências Sociais (Sociologia) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

RESUMO

A presente análise investiga a trajetória e a memória da pedagogia libertária no Brasil, contextualizando-a em um cenário de escassez documental decorrente tanto da necessidade de proteção de militantes sob repressão política quanto do silenciamento deliberado pela pedagogia oficial. Fundamentado nos preceitos anarquistas, o referencial teórico do estudo examina a oposição dessa vertente às estruturas de produção capitalistas e ao comunismo autoritário, propondo a autogestão como alternativa ao controle estatal. A metodologia, de caráter histórico-analítico, identifica como a ocultação desses registros serviu para silenciar uma proposta educacional que visava à emancipação e à consciência da classe trabalhadora. Os resultados indicam que a pedagogia libertária ofereceu uma crítica contundente à escola tradicional, vista como reprodutora dos interesses do Estado e da Igreja ao introduzir métodos inovadores baseados no respeito à individualidade, à liberdade e à autonomia da criança. Conclui-se que o legado libertário permanece como um marco fundamental para a construção de novos valores sociais e educativos, apesar das tentativas históricas de apagamento de sua contribuição pedagógica.

Palavras-chave: Pedagogia Libertária. Anarquismo. História da Educação. Brasil. Emancipação Social.

RESUMEN

El presente análisis investiga la trayectoria y la memoria de la pedagogía libertaria en Brasil, contextualizándola en un escenario de escasez documental derivada tanto de la necesidad de protección de militantes bajo represión política como del silenciamiento deliberado por parte de la pedagogía oficial. Fundamentado en los preceptos anarquistas, el marco teórico del estudio examina la oposición de esta vertiente a las estructuras de producción capitalistas y al comunismo autoritario, proponiendo la autogestión como alternativa al control estatal. La metodología, de carácter histórico-analítico, identifica cómo la ocultación de estos registros sirvió para silenciar una propuesta educativa que buscaba la emancipación y la conciencia de la clase trabajadora. Los resultados indican que la pedagogía libertaria ofreció una crítica contundente a la escuela tradicional —vista como reproductora de los intereses del Estado y de la Iglesia— al introducir métodos innovadores basados en el respeto a la individualidad, a la libertad y a la autonomía del niño. Se concluye que el legado libertario permanece como un hito fundamental para la construcción de nuevos valores sociales y educativos, a pesar de los intentos históricos de borrar su contribución pedagógica.

Palabras clave: Pedagogía Libertaria. Anarquismo. Historia de la Educación. Brasil. Emancipación Social.

ABSTRACT

This analysis investigates the trajectory and memory of libertarian pedagogy in Brazil, contextualizing it within a scenario of documented scarcity resulting both from the need to protect activists under political repression and the deliberate silencing by official pedagogy. Grounded in anarchist principles, the study's theoretical framework examines this movement's opposition to capitalist production structures and authoritarian communism, proposing self-management as an alternative to state control. The methodology, historical-analytical in nature, identifies how the concealment of these records served to silence an educational proposal aimed at the emancipation and consciousness of the working class. The results indicate that libertarian pedagogy offered a sharp critique of the traditional school—seen as a reproducer of State and Church interests—by introducing innovative methods based on respect for individuality, freedom, and the child's autonomy. It concludes that the libertarian legacy remains a fundamental landmark for the construction of new social and educational values, despite historical attempts to erase its pedagogical contribution.

Keywords: Libertarian Pedagogy. Anarchism. History of Education. Brazil. Social Emancipation.

As grandes desigualdades econômicas impostas pelo capitalismo industrial, levaram a propostas de novas formas de organização e práticas de justiça social. Os idealistas do século XIX e início do século XX, pensavam em melhorar o bem-estar da sociedade por meios coletivistas e conquistar o máximo de liberdade para o indivíduo.

Este dilema coletivismo e individualismo, recebeu especial atenção dos anarquistas. Seus adeptos condenavam todo o governo baseado na força e consideravam o Estado coercitivo como incompatível com a liberdade humana.

A expressão “Anarchos” vem do grego e significa sem governante. Fato que pode ser entendido como ausência de governo ou que esta ausência seja desnecessária à preservação da ordem. (WOODCOCK, 2002)

O pai do anarquismo foi o inglês Willian Godwin (1756-1836). Neste sentido as teorias de Godwin, Kropotkin, Tolstoi e Max Stiner não tiveram jamais o objetivo de estabelecer o caos, mas os estereótipos desenvolvidos sobre os anarquistas se encarregaram de dar este significado.

Durante a Revolução Francesa a expressão anarquia era usada de forma negativa, até como insulto por elementos de vários partidos, para difamar seus oponentes.

O girondino Brissot, em 1793, o utilizava contra os jacobinos. O Diretório também o empregava contra os adeptos de Robespierre. Nos dois contextos anarquia significava, condenação e crítica.

Proudhon em seu livro “O que é a propriedade”, dava a palavra anarquia um sentido positivo, referindo-se ao equilíbrio que atuando no interior da sociedade, repudiaria o autoritarismo.

Seus discípulos após o rompimento com Marx, passaram a denominar-se anarquistas. A associação do anarquismo ao nihilismo e a violência não é verdadeira. Tolstoi, Kropotkin e Godwin eram pacifistas e mesmo Bakunin que a aceitava, tinha momentos de dúvida, vendo os resultados da violência.

Bakunin e Kropotkin foram sem dúvida grandes expressões desse pensamento. Homens muito diferentes, embora ambos fossem russos e aristocratas ricos.

ANARQUISTAS E O BRASIL

Em fins do século XIX, a entrada de imigrantes europeus era vista como uma solução para a questão do trabalho, já que, com a extinção do tráfico, a Abolição da escravatura era uma questão inevitável. A ideia da elite paulista era de criar uma cidade branca, com um modelo civilizatório europeu. O imaginário dessa classe social e suas ações favoreciam a política migratória tendo em vista a expansão da economia cafeeira.

Na Europa, as condições econômicas e políticas contribuíram para o processo de emigração: guerras, unificações, crises econômicas. A propaganda do governo brasileiro no exterior atraía para o Brasil esses imigrantes, que viam em nosso país, a terra das oportunidades. (PASCAL, 2005)

Vinham alemães, austríacos, poloneses e uma grande maioria de italianos, portugueses e espanhóis (...) Entre 1884 e 1903, o Brasil recebeu mais de um milhão de italianos, número superior ao conjunto de todos os outros imigrantes dos demais países no mesmo período. (DULLES, 1977, p 7)

No início do século XX 90% da força de trabalho em São Paulo era formada por estrangeiros. Portadores de um projeto de transformação da sociedade, os estrangeiros libertários que aqui chegaram encontraram forte resistência das elites, que com o apoio do Estado, polícia e leis, pretendiam impor uma disciplina baseada nos valores burgueses e mecanismos de controle e vigilância, dentro e fora das fábricas.

Evidentemente, nem tudo se passa como se imagina para realizar estas utopias reformadoras, as classes dominantes enfrentam resistências tenazes de trabalhadores que preservam suas tradições, sistemas de valores e costumes(...) E além disso, que progressivamente aderem às bandeiras de luta levantadas pelos anarquistas e anarco-sindicalistas(...). (RAGO, 1997, p. 13).

O anarquismo que veio para o Brasil era inspirado nas ideias de Bakunin e sua influência após o rompimento com Marx, era muito forte na península Ibérica e Itália. De lá vieram Errico Malatesta e Oreste Ristori, exilados na Argentina tomaram o destino de São Paulo, aqui fundando o jornal “La Battaglia”, em 1904.

O anarquismo entendia que a propaganda através dos jornais, das revistas, do teatro e das escolas libertárias, era a forma de exercer a ação direta, ou seja, a construção de outra sociedade pela própria população, pelas massas que tomariam consciência da realidade social.

Ristori era considerado um grande difusor das ideias libertárias do Brasil, realizou inúmeras palestras, falando na porta das fábricas em fazendas e salões operários. Comparava a situação brasileira com a Europa, e nas cidades percebia que o contexto era quase igual (salários e jornada). Contudo nas fazendas a realidade era terrivelmente pior do que no continente europeu. Gigi Damiani foi grande colaborador de Ristori em “La Battaglia”. Chegara ao Brasil em 1899, passou pela Colônia Cecília sendo preso pelas ideias anarquistas. Ao sair da prisão morou no Paraná e com a ajuda de companheiros que falavam português, fundou o jornal “O Direito”, em Curitiba. Em São Paulo, trabalhou com cenários de teatro e colaborando no jornal de Ristori.

Everardo Dias e Florentino de Carvalho, eram imigrantes espanhóis, ainda crianças quando aqui chegaram. Com Ristori, Everardo dirigiu o “Livre Pensador”, um periódico publicado em 1902. Florentino foi estivador e tipógrafo em Santos, chamada na época a “Barcelona do Brasil”. Tornou-se líder sindical e passou a ser perseguido pela polícia. Autodidata, ensinava os operários em seu tempo livre.

Dentre os libertários portugueses destacam-se Neno Vasco, formado em Direito pela Universidade de Coimbra, de família abastada, colaborava em vários jornais operários dentre eles: “Terra Livre”, que dirigiu com Edgard Leuenroth.

Outro importante jornal anarquista foi “A Lanterna” cujo diretor Benjamim Mota, contava como colaboradores Ristori, Everardo Dias e Neno Vasco. Edgard Leuenroth o dirigiu entre 1909 e 1916; era tipógrafo e filho de imigrantes alemães.

Dentre os grandes intelectuais filiados ao movimento libertário menciona-se José Oiticica, professor do Colégio Pedro II no Rio de Janeiro. Linguísta, filólogo, escritor e jornalista, colaborador do jornal “A Lanterna”, figura humana inconfundível na defesa dos trabalhadores. Lembra-se ainda, Martins Fontes, médico e poeta, anarquista, que juntamente com Fábio Luz e Rocha Pombo ajudaram a fundar a Universidade Popular de Ensino em 1904, no Rio de Janeiro.

Outro aspecto relevante da ação anarquista no Brasil foi a pedagogia libertária.

PEDAGOGIA LIBERTÁRIA

A memória da Pedagogia Libertária no Brasil foi sempre deficiente de registros e documentos, até para proteger os militantes, num período de intensa repressão. A pedagogia oficial muitas vezes em função da oposição às ideias anarquistas deixou no esquecimento esta importante contribuição. Por sua vez, como os libertários opunham-se tanto as formas de produção capitalistas como ao comunismo autoritário, contestando a existência do próprio Estado, e propondo a autogestão, a pedagogia libertária neste contexto tinha enorme importância, já que, contribuía para a consciência e emancipação da classe trabalhadora.

A construção de uma nova sociedade apoiava-se em grande parte nas ideias de uma educação nova, feita em outras bases e valores, tais como o respeito à liberdade, à individualidade e sobretudo à criança.

A pedagogia anarquista denunciava a escola oficial como reprodutora dos interesses da Igreja e do Estado enquanto promovia uma renovação dos métodos e valores.

Educar é tornar o homem mais capaz possível de aproveitar, do melhor modo, as energias física, mental, moral, prática e social. Educação física é o cultivo da robustez não da força, da saúde, da agilidade. Educação mental é a formação da inteligência, seu desenvolvimento racional e harmônico, erudição, cultura, arte. (OITICICA, 1983, p. 90)

O respeito à liberdade nas escolas anarquistas estava configurado nas salas de aulas para ambos os sexos, aberta a todas as classes sociais e ensino racional e integral.

Nesta época, isto representava uma contestação à educação do período, baseada em preconceitos, estereótipos, dogmas e castigos.

Para Bakunin a autoridade só deveria ocorrer na primeira infância quando a inteligência das crianças ainda não havia se desenvolvido plenamente. Contudo, na medida que avançava a educação a liberdade deveria prevalecer.

Toda educação racional nada mais é, no fundo, que a imolação progressiva da autoridade em proveito da liberdade, sendo o objetivo final da educação formar homens livres e cheios de respeito e amor pela liberdade alheia (...) As crianças não pertencem a ninguém; nem a seus pais, nem à sociedade. Elas pertencem a si próprias e a sua futura liberdade. (BARNÉ, 2003 p. 19).

Durante a Comuna de Paris as propostas libertárias no campo da educação ganharam enorme expressão.

Herdadas das idéias de Proudhon e Blanqui, entre outros, representavam um momento importante na luta pela laicização do ensino, processo iniciado um século antes pela Revolução Francesa e que interessava ao proletariado ampliar. (HARDMAN, 1984, 37)

Bakunin criticava veementemente a divisão do trabalho em intelectual e mecânico, gerador das grandes desigualdades. Enquanto esse tipo de educação permanecer, consolidando as assimetrias, a igualdade social ficará cada vez mais distante. Bakunin defendia trabalho e educação:” No interesse do trabalho tanto quanto no da ciência é preciso que não haja nem operários, nem homens de ciência, mas apenas homens.” (HARDMAN, 1984, 29)

O precursor da pedagogia libertária foi o francês Paul Robin. Entre 1880 e 1894, Robin sistematizou suas teses nos congressos da Associação Internacional dos Trabalhadores. No Orfanato Prévost, situado nos arredores de Paris, Robin iniciou a aplicação de seus princípios de educação integral. Considerava que a educação compreendia a formação intelectual e a construção dos próprios saberes a partir das experiências.

A educação física era nesta metodologia uma proposta que não visava a competição, mas a solidariedade. A educação manual que se desdobrava numa politecnia e a educação moral se configurava numa preparação para a vida em liberdade, a partir dos relacionamentos entre professores, funcionários e educandos.

Educação moral é o cultivo da vontade, sua direção na realização do bem-estar comum. Educação prática é o treino da habilidade técnica ou vocação profissional. Educação social é o aperfeiçoamento da solidariedade como multiplicador de energias. (HARDMAN, 1984, p.90)

Em Barcelona o professor catalão Ferrer y’ Guardia criou a Escola Moderna no período compreendido entre 1901 e 1905. Ferrer desenvolveu o método racional, enfatizando as ciências naturais com certa influência positivista, privilegiando a educação integral. Propôs uma metodologia baseada na cooperação e respeito mútuo. Sua escola deveria ser freqüentada por crianças de ambos os sexos para desfrutarem de uma relação de igualdade desde cedo.

A concepção burguesa de castigos, repressão, submissão e obediência, deveria ser substituída pela teoria libertária, de formação do novo homem e da nova mulher. Ferrer considerava que o cientifismo não era um saber neutro. Aqueles que tem o poder se esforçam por legitimá-lo através de teses científicas.

Em 1909, Ferrer foi preso e condenado ao fuzilamento pelo governo monárquico espanhol. Posteriormente, com a ascensão do fascismo na Espanha em 1939, as escolas criadas por Ferrer foram fechadas. Contudo, suas ideias levaram à criação de outras escolas nas Américas e sobretudo no Brasil.

(...) A Escola Moderna tenciona combater todos os preconceitos que impedem a emancipação total do individuo e é por isso que ela adota o racionalismo humanista, que consiste em inculcar na infância o desejo de conhecer a origem de todas as injustiças sociais a fim de que por esse reconhecimento, ela passa em seguida combatê-las e opor-se a elas. (STEPHANOU e BASTOS, 2005, p.90)

Segundo Ferrer no futuro com a evolução dos métodos didáticos e da própria ciência, a educação seria espontânea e a violência seria eliminada do processo pedagógico.

Com a morte de Ferrer em 1909 na Espanha, os anarquistas brasileiros criaram o Comitê pró Escola-Moderna com o objetivo de incentivar o mesmo modelo de escola em nosso país. A preocupação dos libertários com o analfabetismo no movimento operário era grande. O jornal “O amigo do povo” declarava:

É necessário que o povo saiba, aprenda(...) por isso nós queremos ensinar, principiar no presente a construção do futuro(...) Não há liberdade possível onde está a ignorância, onde assenta o fanatismo, onde se crê em fantasmas, onde reside a torpeza. (STEPHANOU e BASTOS, 2005, p.93)

Em 1895, surge no Rio Grande do Sul, a Escola União Operária. Na cidade de São Paulo foram criadas duas Escolas Modernas. A primeira, em 1912 para ambos os sexos, organizada pelo Prof. João Penteadado, situada na Rua Saldanha Marinho. A segunda, no Brás, na Rua Muller. Ambas as experiências tiveram curta duração pela pressão dos setores conservadores. Na construção dessa pedagogia libertária tiveram importante papel João Penteadado e outros intelectuais, dentre eles: Adelino de Pinho e Florentino de Carvalho.

Penteadado defendia a igualdade de todos livres sobre a “terra livre”, visão que ia de encontro ao objetivo da escola racionalista, ou seja reabilitar a humanidade para a vida em harmonia e fraternidade. (KASSICK, 1992, p.10)

No Brasil, as escolas de educação libertária além de contestarem a pedagogia tradicional, constituíam-se numa das poucas opções de educação da classe trabalhadora, tendo em vista a omissão do Estado neste aspecto. A educação de adultos e o ensino profissional eram atendidas também pelas escolas libertárias.

Os Centros de Cultura Social realizavam cursos, palestras e peças de teatro aos domingos e à noite, para atender os trabalhadores. Os jornais eram utilizados em sala de aula, servindo para divulgar as ideias libertárias e conhecer as experiências educacionais desta linha em outros países.

Nas oficinas a imprensa era uma das possibilidades de profissionalização, tendo como objetivo de todo educando, a educação integral.

Os trabalhadores haviam abandonado a escola pela fábrica aos seis ou sete anos de idade, daí o analfabetismo.

Por isso, os mais ilustrados tinham que ler os jornais e prospectos em voz alta em grupo nos locais e horas de almoço (...) para que os analfabetos pudessem ouvir, compreender as idéias, os métodos de luta, memorizá-los a assimilá-los. (RODRIGUES, 1987, p. 162)

Os libertários consideravam que a educação e a profissionalização permitiam estruturar melhor as formas de luta e resistência dos trabalhadores, evidenciando sua importância na revolução social. Até 1920, pode-se dizer que os libertários fizeram mais pela educação operária e excluídos do que o ensino oficial.

Aproveitava-se todo tempo livre: o horário de almoço, os finais de semana, as noites, todos preenchidos com palestras, debates, teatro, cursos, jornais.

Desde a formação do Comitê Pró Escola Moderna, em 1909, previa-se a criação de uma editora para livros escolares que deveriam ser cedidos ou vendidos a baixo preço.

A metodologia destas escolas enfatizava a coeducação dos sexos, a convivência de diferentes classes sociais, a formação moral e o ensino não dogmático baseado nas ciências naturais, fato que gerou uma certa crítica pelo caráter acentuado da teoria positivista.

(...) Nosso ensino será integral, racional, misto e libertário. Integral. Porque tenderá ao desenvolvimento harmônico do ser por inteiro e fornecerá um conjunto completo, encadeado, sintético, paralelamente progressivo em toda ordem de conhecimentos, intelectuais, físicas, manuais, profissionais e por isso a partir da infância. Racional. Porque ele será embasado na razão e conforme os princípios da ciência atual. (...) Misto. Porque favorecerá a co-educação dos sexos numa frequência constante, fraternal, familiar das crianças, meninos e meninas que dá ao conjunto dos costumes uma serenidade particular (...) Libertário. Porque consagrará no fundo a imolação progressiva da autoridade em proveito da liberdade, sendo o objetivo final da educação formar homens livres, cheios de respeito e amor pela liberdade do próximo. (RODRIGUES, 1987, p. 167)

A transformação da sociedade e o propósito da revolução social alimentavam a educação libertária. O educador João Penteado considerava que algumas instituições eram obstáculos à felicidade do povo e a educação deveria desenvolver a crítica a esta situação, abrindo caminho para a transformação social.

Estas experiências educacionais se repetiam em vários estados brasileiros. Os anarquistas preocupavam-se em atingir todos os segmentos etários da infância à educação de adultos, passando pela Universidade Popular de Ensino, organizada de forma temática, para que os alunos mesmo perdendo algumas palestras pudessem seguir o curso sem graves prejuízos.

Em São Paulo, as Escolas Modernas foram fechadas pela polícia em 1919, acusadas de propagar perigosa ideologia, num momento em que o movimento libertário sofria extrema repressão do Estado Brasileiro.

Combatidos pelo capitalismo e comunismo, consideravam que a educação criando uma consciência, mudaria as relações cotidianas e representações sociais, estruturando uma outra sociedade, na qual a hierarquia, as diferenças sociais e formas de poder não sobreviveriam.

O resgate dessas ideias na sociedade atual torna-se importante não só para preservar a memória libertária, mas também para discutir suas propostas que guardam uma impressionante atualidade com os anseios e necessidades da sociedade brasileira contemporânea.

REFERÊNCIAS

- BAKUNIN, Mikhail. *A Instrução Integral*. São Paulo. Ed. Imaginário, 2003
- DULLES, John Foster. *Anarquistas e Comunistas no Brasil*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo, Edusp. 1996.
- KASSICK, Clovis. *Os caminhos da ruptura do autoritarismo pedagógico*. Tese de Mestrado. Centro de Educação. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1992.
- HARDMANN, Francisco Foot. *Nem pátria nem patrão: vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- GUIRALDELLI Junior, Paulo. *Educação e Movimento Operário*. São Paulo, Cortez, 1987.
- PASCAL, Maria Aparecida Macedo. *Portugueses em São Paulo: A face feminina da imigração*. São Paulo, Ed. Expressão e Arte, 2005.
- PENA, Maria Valéria Junho. *Mulheres e Trabalhadoras. A Presença Feminina na Constituição do Sistema Fabril*. Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1981
- OITICICA, José. *A doutrina anarquista ao alcance de todos*. São Paulo, Econômica Editora, 1983.
- RODRIGUES, Edgar. *Os libertários, idéias e experiências anarquistas*. Petrópolis, Vozes, 1987.
- RAGO, Margareth. *Do Cabaré ao Lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1997.
- SAFON, Ramon. *O Racionalismo Combatente*. Francisco Ferrer y Guardia. São Paulo, Ed. Imaginário, 2003
- STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Câmara. *Memórias da Educação no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 2005.
- WOODCOCK, George. *História das Idéias e Movimentos Anarquistas*. Porto Alegre, L&PM Editores, 2002.